

**Violência, censura e memória: distorção e mistificação da realidade em Feliz Ano
Novo, de Rubem Fonseca**

Fagner Costa e Silva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: fcsilva1@uefs.br

José Alves Dias
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: jose.dias@uesb.edu.br

1239

Palavras-chave: Violência. Censura. Memória. Rubem Fonseca. Ditadura Militar

INTRODUÇÃO

Atirei bem no meio do peito dele, esvaziando os dois canos, aquele tremendo trovão. O impacto jogou o cara com força contra a parede. (...) No peito dele tinha um buraco que dava para colocar um panetone. Viu, não grudou o cara na parede, porra nenhuma. Tem que ser de madeira, numa porta, parede não dá, Zequinha disse. (...) carreguei dois canos de doze. Atira você (...) Vê como este vai grudar. Zequinha atirou. O Cara voou os pés saíram do chão, foi bonito, como se ele tivesse dado um salto para trás. Bateu com estrondo na porta e ficou ali grudado. Foi pouco tempo, mas o corpo do cara ficou preso pelo chumbo grosso na madeira (Fonseca, 1994, p. 19-20).

O personagem Pereba, do conto “Feliz Ano Novo” do livro homônimo de 1975, escrito por Rubem Fonseca, reflete um desejo estético de violência. Uma vontade de ver sua vítima “grudada na parede” como uma obra arte e, além disso, seu desejo sanguinolento não recebe outra objetividade além da descrita, sua violência é um aparente sintoma de um estado de apatia em relação ao outro, ela é, à primeira vista, produto de uma degradação dos valores humanos, de uma vontade anárquica de se libertar de qualquer princípio de objetividade de suas ações.

Foi por escritos como este, que Rubem Fonseca, em 1976, foi réu em um processo de censura. Entre as acusações que pesavam contra o autor (pornográfico, violento e imoral) uma em especial chama a atenção: “Seus personagens não recebiam punições pelos seus crimes” (Silva, 1996, p. 93). Os censores da Ditadura Militar se incomodaram com

Realização:



Apoio:



Fonseca por não propor uma ordem ao caos que ele mesmo descrevia e promovia em sua obra.

Pela ação da censura, é possível vislumbrar que a violência que habita na obra *Feliz Ano Novo* (1975) seria uma espécie de violência não autorizada pelo Estado brasileiro, que tutelado pelos militares e regidos por uma ideologia da classe burguesa, nutria o receio da proliferação de análises que apresentassem uma tese para a violência que eclodia no Brasil, distinta das narrativas que justificavam as ações objetivas (uma violência autorizada) praticadas pelos agentes do Estado naquelas circunstâncias.

A onda de violência urbana neste novo Brasil no início da década de 1970 ainda carecia de uma análise sociológica competente, era, de certa forma, incompreendida naquele momento. Rubem Fonseca, sem um grande debruço sociológico, descreve este cenário em sua literatura similar a um relato de boletim policial, a uma prosa cotidiana ou a uma confissão. Sua Literatura, afastada da empiria da análise sociológica, conseguiu captar uma realidade social que ainda não era foco de investigação das Ciências Sociais naquele momento.

O livro *Feliz Ano Novo*, com sua ficção, constituiu uma justificativa para estas ações dos seus personagens diferentes das promovidas pelo Estado brasileiro naquele período, nas quais, visavam uma violência repressiva com objetivo de uma ordem pública, fortemente amparada por uma ideologia liberal/burguesa autoritária, respaldada em uma nascente ordem constitucional jurídica antidemocrática, rodeada por um forte aparato repressivo que perseguia opositores e críticos, a suas formas de governo (com diretrizes desenvolvimentista capitalista). Sem dúvida, sob esta visão, a subjetivação presente na literatura fonsequiana continha elementos que incomodava os agentes que regiam o Estado brasileiro naquele período.

Tomando estes acontecimentos como problemática, a pesquisa que aqui se apresenta de forma resumida, tem como objetivo geral analisar a violência em *Feliz Ano Novo* (1975) e a sua censura como forma de ocultar a realidade social e a crueldade da ditadura militar. Para isso, traçou como objetivos específicos três pontos: I) Investigar o fenômeno da violência em *Feliz ano novo* (1975) como um espelho verossimilhante da violência que eclodia nos grandes centros urbanos do país; II) Examinar a ação de censura da obra e a recusa dos censores em aceitar o tipo de violência presente na narrativa e III) Apurar as fontes da memória da censura utilizada pelos agentes do Estado brasileiro a

Realização:



Apoio:



opositores e na construção dos alicerces da ideologia liberal no país, que distorceu e mistificou a realidade com intuito de persegui seus opositores.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa se ampara em elementos de análise do Materialismo Histórico e Dialético, tendo como suporte técnicas da pesquisa: bibliográfica e de análise qualitativa sobre a obra Feliz Ano Novo (1975) e de elementos de seu processo jurídico de liberação da censura.

A base teórica desta pesquisa alicerça-se na discussão sobre a: I) Violência- cujo os autores que darão os principais subsídios serão: Friedrich Engels (1956), Terry Eagleton (2016) e Deonísio da Silva (1996). II) Censura- que terão contribuições das pesquisas de: Maria Luiza T. Carneiro (2002), Deonísio da Silva (2010) e Sandra Reimão (2019) e III) Memória- Que terá como aporte teórico Eurídice Figueiredo (2017), René Dreifuss (1981) e Maria H. Alves (1984).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Rubem Fonseca produziu em sua literatura uma visão de mundo sobre um tipo de violência que eclodia naquele Brasil cerceado pela Ditadura militar. Seus personagens não visavam à ordem pleiteada pelos comandantes do Estado, não teriam seus *status* de violência aclamados pela violência em busca de ordem da outra parte.

A violência que os agentes do governo na ditadura militar visavam, se constitui como um projeto para calar, silenciar e reprimir grupos que divergiam de sua proposta para o Estado, por outro lado, em boa parte do livro, mas especificamente no conto Feliz Ano Novo, a violência que ali vemos se encontra à margem desta violência dos agentes do Estado. Ela é fruto do desencaixe das prerrogativas ideológicas que a burguesia brasileira, apoiada e protegida pelos militares, impunham como o único caminho possível dentro de um Brasil que tinha sua estrutura democrática ameaçada em prol da proteção dos interesses desta classe. A violência da Ditadura Militar visava silenciar qualquer menção de projetos que discordem do macroprojeto instalado pelos militares e burguesia. É exatamente neste ponto que a obra de Rubem Fonseca incomoda: pois, ao não punir seus personagens, aos olhos dos censores, sugeria que existe um caminho para combater a violência que os

Realização:



Apoio:



agentes do Estado estavam praticando.

A censura de Feliz Ano Novo foi uma tentativa de impor uma espécie de pedagogia do medo, na qual impedia Rubem Fonseca ou outros literatos de mostrarem que existia uma alternativa as ações violentas da Ditadura, ao silenciar narrativas como está, o grupo político que estava no poder impunha sua narrativa como única, é justamente neste ponto que mistificavam a realidade. Feliz Ano Novo é chave para enxergar os mecanismos ideológicos que constituíram este processo de mistificação.

1242

CONCLUSÃO

O estudo sobre a obra de Rubem Fonseca comparado com os desdobramentos do seu processo para liberação diante da censura é uma fonte valiosa para compreender as formas de violência e de censura no período da ditadura militar brasileira. Podemos vislumbrar um profundo compasso entre ideologia e as ações de silenciamento de opositores, para com isso, construir uma visão única de mundo, na qual apenas os pressupostos da burguesia e do conjunto de militares que tutelavam o Estado prevaleciam. A análise da censura de Feliz Ano Novo foi tomada como documental, porém, é importante não deixar em segundo plano que se trata de uma obra artística, que por mais que apresente elementos verossímeis, há sempre uma interferência da subjetividade do autor no fazer desta obra. Mesmo desta forma, Rubem Fonseca conseguiu mostrar um Brasil particular que estava nascendo. A ideologia como forma de consciência é um excelente método de análise para enxergar as nuances entre sua produção literária e o contexto da época.

Como conclusão procura demonstrar que a violência urbana descrita por Fonseca em sua ficção contrasta com a violência repressiva do Estado, sua narrativa literária oferece uma visão artística crítica do autoritarismo dos militares, das desigualdades sociais no Brasil naquele período e expõe a tentativa da burguesia e dos militares em controlar a realidade através da censura, ocultando sua própria violência e mistificando a realidade para defesa dos seus interesses.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e Oposição no Brasil**. (1964-1984). Petrópolis: Vozes, 1989.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Livros proibidos ideias malditas: o Dops e as minorias silenciadas**. São Paulo: Ateliê editorial, 2002a.

Realização:



Apoio:



DREIFUSS, René Armand. **1964 A conquista do Estado**: Ação política, poder e golpe de classes. Petrópolis: Editora Vozes, 1981.

EAGLETON, Terry. **Doce Violência**: A ideia do trágico. São Paulo: UNESP, 2013.

ENGELS, Friedrich. O papel da violência na história. Póvoa de Varzim – (Portugal): Editora Poveira. 1956.

FIGUEIREDO, Euridice. **A literatura como arquivo da ditadura brasileira**. Rio de Janeiro: 7 letras. 2017.

FONSECA, Rubem. **Feliz ano novo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FONSECA, Rubem. **Feliz ano novo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. São Paulo: Boitempo. 2007.

REIMÃO. Sandra. **Repressão e resistência**: censura a livros na ditadura militar. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo. 2019.

SILVA, Deonísio da. **Nos bastidores da censura**: Sexualidade, Literatura e Repressão pós-64. Barueri-SP. Amarils. 2010.

SILVA, Deonísio da. **Rubem Fonseca**: proibido e consagrado. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

Realização:



Apoio:

